

FOLHA ilustrada

5º CADERNO ★ PÁGINA 11 ★ SÃO PAULO, SEXTA-FEIRA, 17 DE MARÇO DE 2000

“Hans Staden” mostra os dentes nos cinemas

Relato do viajante que quase virou banquete dos índios, de Luiz Alberto Pereira, chega aos cinemas paulistas

PAULO SANTOS LIMA
especial para a Folha

O viajante Hans Staden, segundo seu próprio relato, teria apelado ao poder divino para se livrar da voracidade dos índios brasileiros. O acaso — o que para ele seria o tal milagre — deu-lhe a chance de sair ileso do contato com os nativos e escrever “Duas Viagens ao Brasil”, publicado em 1557.

Pois o “terrible”, desbocado e revoltado cineasta Luiz Alberto Pereira levou a cabo a transposição para as telas das tais desventuras de Staden.

Não arriscou a sorte no poder superior. Preferiu a certeza do R\$ 1,7 milhão e o apoio de uma equipe de primeira, que até se mobilizou para aprender português arcaico, tupi e francês.

Esse realismo teve peso na construção da aldeia indígena, talvez a maior empreitada do filme. Levou de maio de 96 a agosto de 97, exigindo que canos, esgoto e fiação fossem subterrâneos.

A famigerada caravela não faltou. Uma réplica em tamanho real — portuguesa e que chegará ao Brasil agora, nos 500 anos do Descobrimento — fez a equipe visitar Portugal por dez dias.

Na aldeia cenográfica, as filmagens duraram 32 dias. A mixagem fez os rolos de filmes gravados cruzarem a América até o México.

O resultado é “Hans Staden”, filme que junta um pouco o aspecto documental de “Jânio a 24 Quadros” com o caráter narrativo dos escritos do explorador da região de Hesse, na atual Alemanha. Na estética, lembra um pouco “Aguirre - A Cólera dos Deuses”, de Werner Herzog.

Pereira evitou trucagens e optou por ações diretas, como afirma em entrevista à **Folha**, em que fala também da semelhança entre “The Truman Show” e seu longa “O Efeito Ilha”, e diz ter pensado em processar os produtores norte-americanos por “chuparem” sua idéia.

★

Folha - Parece que a maior virtude de “Hans Staden” é o realismo.

Luiz Alberto Pereira - Não diria maior, mas grande virtude. Mas minha idéia foi transpor para a tela algo nunca feito antes, mostrando como era de fato o Brasil do século 16. Meus índios estão nus como os daquela época. Não usam as sunguinhas de penas que os da Globo vestem. As cores das penas que os índios utilizavam foram mantidas. Até as chuvas foram verdadeiras, lá em Ubatuba. Nada de filme tropicalista, coloridão. Contratamos também um professor que até gramática tupi ensinou para os meus atores, e eles conseguiram me contar piadas em tupi.

Folha - Aprenderam rápido?

Pereira - Enquanto construíamos a aldeia. Só Stênio Garcia causou um pouco de dificuldade.

Ele é ótimo ator, mas não estava com muita paciência para aprender a língua. Ele vinha das filmagens de “Menino Maluquinho 2”.

Folha - Você evita o tom alegórico em seu filme. Você acha que o cinema brasileiro cai demais no vício da alegorização?

Pereira - Acho a alegoria uma síndrome do modernismo que afasta o público. A alegoria só tem de ser usada em alguns momentos e em alguns filmes. Pior ainda são essas alegorias óbvias, pois já que é para fazê-las, são para pirlar.

Folha - Hans muda de identidade, como de máscaras. Tem muito a ver com o homem de hoje, não?

Pereira - Você pegou um aspecto legal. Ele tinha que vestir a máscara de francês e português para sobreviver. Isso lembra muito a gente, pois vestimos máscaras para nos mantermos dentro de um determinado grupo.

Folha - Houve um problema com a censura de “Hans Staden”, em princípio liberado apenas para maiores de 14 anos. Disseram que você ficou irritado com o presidente Fernando Henrique Cardoso.

Pereira - Mais com quem autorizou a tal censura. Meu filme foi censurado por conter cenas de violência e de nudez. No caso, um banquete em que os índios comem carne humana. Ora, várias crianças já assistiram em pré-estreia e gostaram muito de “Hans Staden”. Até vai ser exibido em escolas. Ou seja, era para ser livre.

Folha - O seu penúltimo longa-metragem, “O Efeito Ilha”, não lembra um pouco “The Truman Show”?

Pereira - Não só lembra como a idéia foi chupada para a produção norte-americana. Quem me avisou que tinha um filme parecido nos Estados Unidos foi o Rubens Ewald. Consultei advogados que me disseram que iria gastar muita grana. Acabei lançando no mercado de vídeo, aproveitando o rastro de “The Truman Show”. Fez sucesso nas prateleiras com o nome de “The Man in the Box”.

Folha - Você acha que existem festivais de cinema sérios no Brasil?

Pereira - Você está me perguntando isso por causa do que fiz no último Festival de Brasília? Pois acho este festival o mais organizado de todos. Só faltou uns 90% de ética, neste último. Meu filme tocava nesses 500 anos de Descoberta do Brasil e só ganhou um prêmio de consolação, nada de dinheiro. Por isso peguei o tal Prêmio Especial do Juri pela “Excelência da Realização”. O melhor filme ganhou R\$ 50 mil e eu zero. Pois saí de lá, pus o prêmio no lixo e fui tomar um uísque.

Folha - Você não se arrependeu disso?

Pereira - Eu me arrependi muito. Tanto que agora estou querendo dar R\$ 10 para quem encontrá-lo e devolvê-lo a mim (risos).



Carlos Evelyn na pele do pesquisador Hans Staden, no filme homônimo de Luiz Alberto Pereira

CRÍTICA

Filme propõe ‘churrasco didático’

ALVARO MACHADO
especial para a Folha

Uma aula de história do Brasil ao pé da letra, ou seja, colada à crônica do alemão Hans Staden sobre suas desventuras no litoral sul brasileiro do século 16, tão insossa quanto nos livros didáticos mais politicamente corretos.

Ainda assim, os professorais 75 minutos de “Hans Staden” foram, em certa medida, frustrados pelo Departamento de Classificação Indicativa (Declas).

O órgão federal não quer alunos menores de 12 anos no interior das salas de aula, ou melhor, de exibição, em parte por causa da nudez dos personagens indígenas.

Há cerca de 15 dias, em São Paulo, o Declas encontrou apoio inesperado para sua “missão civilizatória”, quando uma espectadora fez barulho no saguão do Espaço Unibanco de Cinema, frequentado pela elite econômica e intelectual da cidade.

Ela bradava contra um cartaz contendo a nudez branquela do ator Carlos Evelyn (Staden) em meio a uma multidão de índios, também nus. Um funcionário do complexo de salas teve de raspar com gilete o motivo do escândalo, enfeando o pôster já por si desengraçado. A bem da verdade, nem foi preciso raspar muito.

Tais episódios tragicômicos remetem, estranhamente, à censura imposta pelo regime militar brasileiro a outro título canibal, “Como Era Gostoso o Meu Francês” (70), de Nelson Pereira dos Santos, este sim “verdadeiro comêdo dar R\$ 10 para quem encontrá-lo e devolvê-lo a mim (risos).

co José Carlos Monteiro), livre transposição da mesma história.

Os paralelos cessam na escolha da fonte, já que todo o sabor, beleza e inteligência maliciosa da “cozinha” de Nelson, apimentada naquele ponto raro que estimula e não agride os sentidos, parecem esquecidos.

Não inspiraram nem de longe o diretor Luiz Alberto Pereira, que preferiu tons de um churrasco pantagruélico para a sua versão da narrativa do mentiroso Staden, aquele que enganou uma tribo tupinambá por nove meses, dizendo-se inimigo dos portugueses para escapar de ser morto e deglutido por seu valor de adversário especial. E que depois angariou fama e fundos na Europa, escrevendo um best seller sobre sua “agonia”.

A história oficial registra que Staden foi condestável (algo como marechal) da fortaleza portuguesa de Bertioga, nomeado por Tomé de Sousa para combater indígenas. Porém, essa condição parece deliberadamente omitida pelo filme, que, ao contrário, destaca relação especial do protagonista com um escravo seu, indígena da etnia carijó.

A estratégia até poderia canalizar simpatias para o seu herói-condutor, mas a missão é impossibilitada pela escolha do ator Evelyn, dono de um semblante de eterna arrogância, padrão global de interpretação.

Até mesmo o modelo Beto Simas, promovido de índio de escola de samba para índio de cinema, sai-se melhor. A também ex-modelo Claudia Liz é escalada para transformar uma mítica iara em moderna louraça-belzebu, em se-

quência digna de constar no recente Carnaval dos 500 Anos.

Na outra ponta desse novelo de equívocos, o veterano Stênio Garcia encarna uma caricatura de pajé tupiniquim, com trejeitos de pai-de-santo.

E como em terra de pelados quem tem camisa é rei, Sérgio Mamberti (mercador) lembra que um ator é capaz de modular as suas falas com entonações diversas.

A antropofagia, originalmente homenagem ao valor do inimigo capturado, surge no centro do filme como um adorno de contas baratas para iludir nativos incautos. Despidas de qualquer sentido ritual, as imagens sublinham tupinambás envolvidos em sombras, abocanhando mãos como hienas famintas. O sensacionalismo atinge o clímax com orelhas boiando num caldo bem temperado.

Após o aviltante churrasco cinematográfico, é preciso paciência para outra série de enquadramentos arrumadinhos e movimentos corporais sufocados de inibição. Talvez os classificadores de Brasília tenham razão: salvo a naturalidade com que a recebem os atores-modelos, a nudez não cai bem ao contingente de índios aculturados figurantes dessa produção.

Avaliação: ★★

Filme: Hans Staden

Diretor: Luiz Alberto Pereira

Produção: Brasil/Portugal, 1999

Com: Carlos Evelyn, Beto Simas, Sérgio Mamberti

Quando: a partir de hoje, no Espaço Unibanco 2, Jardim Sul 2 e circuito

TRILHA SONORA

Único defeito é não estar à venda

CARLOS BOZZO JUNIOR
especial para a Folha

Já de cara, o CD que traz a trilha sonora do filme “Hans Staden”, do diretor Luiz Alberto Pereira, apresenta seu maior e único defeito: não será comercializado. Quem tem, tem.

Quem não tem, jamais terá, a não ser que o surrupie ou que o receba, ofertado por algum desatento proprietário dessa preciosidade, parcamente distribuída como parte do material de divulgação do filme.

A cantora Marlui Miranda e o músico Lelo Nazário são os responsáveis pelas 26 faixas, que mostram algumas formas vocais e sonoras relacionadas ao universo indígena.

Seu ineditismo, que começa pela música tema baseada num motivo de um canto de antropofagia, fez, provavelmente, com que este trabalho tenha abocanhado o prêmio de melhor trilha sonora do Festival de Brasília, no ano passado.

Há no CD, entre outras coisas, uma tentativa de reconstituir o que o alemão Staden talvez tivesse escutado, quando foi capturado pelos índios tupinambás.

Para isso, Marlui se baseou em músicas que funcionam em rituais semelhantes aos descritos pelo viajante europeu, além de composições que mesclam elementos musicais atuais e letras em tupi meridional, com um caráter inspirado nos fragmentos deixados por Jean de Léry.

No entanto, o CD não é apenas uma reconstituição de uma época longínqua. Em sua sonoridade percebe-se o confronto das duas culturas, a europeia e a indígena, de maneira melódica, delicada e extremamente encantadora, sem nunca deixar de ser funcional.

Apesar dos muitos elementos indígenas serem maciçamente preponderantes aos europeus, Miranda atinge um equilíbrio sonoro característico de quem sabe o que, e para que, está compondo.

Suas vinhetas convencem e satisfazem a quem assiste ou não ao filme: funcionam mesmo desvinculadas da película.

As flautas de Teco Cardoso, o oboé de João Cuca, as vozes do elenco e do Coral Vrap, embalados pelos bem escolhidos timbres dos teclados de Nazário, lembram a qualidade peculiar que sempre acompanha os trabalhos do compositor japonês Ryuichi Sakamoto.

Quanto à voz de Marlui, são outros quinhentos. Não 500 anos, mas 500 milênios, pois ela consegue a projeção e a autenticidade de quem sempre consegue encontrar nos índios seus verdadeiros ancestrais. Trilha sonora assim, sim.

Avaliação: ★★★★★